

Comunidade Coração de Maria
Vitória - E. S.

*importante conservar
Sr. Miryam esta a pro-
cura de...*



Cristocentrismo na vida de Gailhac

Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1985

Maria Therezinha Benedito

TUDO PROJETO DE VIDA CRISTÃ É NECESSARIAMENTE CRISTOCÊNTRICO

O projeto de vida espiritual, que não se centra em Cristo, pode ser "religioso", mas não é "cristão". É imprescindível que um projeto de vida cristã seja cristico, pois, toda vida cristã é um seguimento-imitação de Jesus Cristo e se baseia numa "sabedoria" do Cristo.

À exigência do cristocentrismo em todo o projeto de vida cristã corresponde uma pluralidade de "traduções" desta exigência, dando origem a uma multiplicidade de "formas de viver o cristianismo".

Isto acontece porque o "autor do projeto de vida" cristã vê o Cristo com os olhos de sua época e interpreta os seus ensinamentos com os conceitos próprios de sua cultura. Vendo Jesus de acordo com a sua ótica própria, cada fundador tenta responder à pergunta:

- "Quem dizem os homens que eu sou?"

A resposta dada a esta pergunta será necessariamente um pedaço da vida do autor da resposta.

Podemos perceber tal fato na narração dos próprios evangelhos.

MARCOS Escreveu por volta de 65-69.
Para Marcos Jesus é antes de tudo o Messias Cristo escondido e o grande Libertador. Ele desdemoniza a terra, onde quer que apareça. Fala mais dos atos e fatos miraculosos de Jesus. Jesus é o vencedor cósmico. Vence a morte e o demônio libertando o terreno das forças alienadoras e introduzindo-o na paz divina, embora se negue a revelar-se explicitamente como o Messias.

MATEUS Prega para judeu-cristãos na Síria, por volta de 85-90.
Mateus vê em Jesus o Messias-Cristo profetizado e esperado. Ele é o novo Messias, que trouxe, em vez de uma lei melhorada e um farisaísmo ainda mais rigoroso, um novo Evangelho. Jesus é aquele que mostra melhor do que ninguém e de forma definitiva a vontade de Deus, onde encontrá-la e como realizá-la.

Lucas Evangelista dos gentios e gregos, escreveu por volta de 85-90.
Lucas apresenta Jesus como o Libertador dos pobres, doentes, pecadores e marginalizados social e religiosamente. Ele é o Homem revelado, simultaneamente filho de Deus que revelou o caráter filial de todos os homens. Seguindo o exemplo de Cristo, o homem se sabe radicalmente transformado e situado dentro do Reino de Deus.

JOÃO Escreveu entre 90-100.
João vê em Jesus o Filho eterno de Deus, o Logos que arma sua tenda entre os homens para ser caminho, verdade e vida, pão e água viva. A figura de Jesus, que surge do evangelho de João é hierática e transcendente, movendo-se sempre na esfera do divino. Seu Jesus é já plenamente o Cristo da fé.

CRISTOCENTRISMO PRÉ-MONÁSTICO

A primeira comunidade cristã foi sem dúvida alguma, a comunidade dos discípulos de Jesus de Nazaré, Deus feito homem, que assumiu e viveu a nossa vida. Os discípulos de Jesus abandonaram tudo para seguirem o Mestre (Mt. 19,27). Viveram intimamente com Ele, receberam os seus ensinamentos e colocaram no centro da vida do grupo, o projeto de Jesus Cristo.

Entre as primeiras comunidades cristãs, que se formaram após a morte de Cristo, os Atos dos Apóstolos (21,8-9) mencionam a pequena comunidade doméstica das filhas de Felipe, o Evangelista. Eram quatro virgens profetizas, que tinham um projeto de vida estruturado de acordo com os princípios da vida religiosa:

- vida comunitária
- celibato pelo Reino
- função profética.

A geração pós-apostólica foi uma geração de "testemunhas" da supremacia do Cristo sobre todas as coisas. Pelo martírio, os cristãos provavam que o Cristo era para eles o centro do universo e a razão de ser da própria vida. Cristo era o bem supremo, superior a qualquer reino, a quaisquer privilégios, que lhes pudessem ser oferecidos.

Após a época dos mártires, com a união Igreja-Estado a partir de Constantino o Grande, os seguidores de Jesus Cristo se defrontaram com o problema: valores evangélicos x valores do mundo. Surgiram então comunidades cristãs, que se organizaram de acordo com os valores evangélicos e fizeram um projeto de vida, centrado em Cristo.

CRISTOCENTRISMO MONÁSTICO



O monaquismo histórico começou no Oriente no fim do século III. Quem iniciou este tipo de vida foi Santo Antônio do Egito (251-356). Ele é reconhecido como o pai do monaquismo, isto é, o seu fundador.

Sob a inspiração de Mateus 19:21 ele viveu primeiro o ascetismo doméstico, depois se estabeleceu no deserto, onde formou uma colônia de anacoretas A TEBAIDA.

No Ocidente, o monaquismo se organizou com Benedito de Núrsia. Depois de fracassada tentativa de viver com os monges de Vítaro (os monges lhe ofereceram uma taça de veneno!) ele larga o convento e vai para o Monte Cassino. São Benedito, também conhecido como São Bento, escreveu a regra dos beneditinos. Uma perfeição de equilíbrio entre trabalho e oração.

Os monges procuram: a conversão dos costumes
fazem voto de estabilidade
e de obediência ao abade.

Toda a vida do monge se delinea como um caminhar com Cristo. O plano salvífico do monge é voltar às origens, à imagem divina ideal perdida por Adão e restaurada em Cristo. Cristo é o Mediador do retorno às origens. A salvação é a volta a Deus através do Cristo-Salvador, exemplo do monge. Cristo é o arquétipo, o modelo que o monge deve imitar. Pela contemplação do Cristo e seus mistérios o monge deve tentar assimilá-Lo. Deve tornar-se outro Cristo.

Pela contemplação o monge quer tornar-se puro, espiritual. A carne é vista como obstáculo a ser superado, porque é obstáculo à pureza da contemplação. O monge procura transcender o temporal para chegar ao eterno, sair da multiplicidade para chegar ao Simples.

Contemplando o Cristo em seus mistérios: encarnação, paixão-morte, ressurreição, ele ritualiza os mistérios de Cristo. O lugar do encontro do monge com Cristo é a Escritura e a Eucaristia.

O monge se define como "separado" do mundo, com o coração desapegado de todo o terreno. O mundo é para eles uma fonte de tentação. A espiritualidade da fuga do mundo se tornou uma teologia espiritual monástica, que valorizava:

- a mortificação do prazer corporal.
- abandono da família.
- renúncia à própria vontade.
- desprezo da ciência terrestre para
- pensar e meditar em Deus dia e noite.

Fora do mundo e de toda a influência mundana os monges fundavam os mosteiros, um mundo ideal, que lhes permitia atingir o ideal monástico.



UM MOSTEIRO:

- a = Igreja do convento
- b = claustro
- c = sala do capítulo
- d = dormitório irmãos leigos
- e = cozinha
- f = refeitório
- g = recinto com aquecimento
- h = dormitório dos monges
- i / j / k / l = enfermarias com capela e demais dependências

A EXPANSÃO MONÁSTICA DE CLUNY E CITEAUX

No século X^o
os monges
salvam
a Igreja.



CRISTOCENTRISMO NAS ORDENS MENDICANTES

A espiritualidade como "fuga do mundo" suscitou nas comunidades cristãs a convicção de que o mundo é corrompido e que, de todos os seus ângulos emanam tentações.

Em oposição a esta visão pessimista do mundo, surge a visão franciscana da "epifania de Deus" no mundo. Toda a terra está impregnada de Deus e Francisco contempla o criado com a mesma devoção com que lê o Evangelho.

Os mendicantes têm as suas raízes na época gregoriana, sec. XI e inspiraram-se em algumas palavras do Senhor:

Mt. 5,1-7; 10, 5-42.

Lc. 10,1-20; At. 2,42-47

At. 4,32-35.

Os mendicantes se empenham em viver a fraternidade, a pobreza, a oração, a peregrinação e a comunhão com o povo, sobretudo na Igreja local. Eles se fixam nas cidades e o seu testemunho se faz junto do povo.

A personalidade do mendicante se constrói sobre um modelo: a vida ativa de Jesus. Os gestos e as atitudes de Jesus se tornam a "lei" a "norma" do discípulo. Imitar Jesus é fazer o que ele fez, é agir, como ele agiu.



CRISTOCENTRISMO NA ESCOLA FRANCESA



O movimento de espiritualidade da Escola Francesa parece ter nascido nos salões de Mme. Acarie, esposa de um conselheiro do Parlamento de Paris. Mãe de três filhas, ela era uma mulher forte, corajosa, de uma fê extraordinária. A Igreja lhe rendeu homenagem oficial, pela beatificação.

Seu salão foi frequentado pelas grandes personalidades espirituais do seu tempo, entre as quais, São Francisco de Sales.

Em 1593 Bérulle, então com 18 anos, começou a frequentar os salões de Mme. Acarie. Por causa da sua doutrina e da sua influência, Bérulle é considerado o fundador da Escola Francesa, embora alguns julguem que não há nem escola, nem fundador. Junto dele se reuniu um grupo de homens, grandes espirituais, fundadores originais de obras e seminários: Charles Condren, Jean Jacques Olier, Jean Eudes. Eram todos eles místicos, homens de ação, conquistadores de almas, missionários.

Esta escola expressa um dos momentos mais poderosos da espiritualidade francesa e oferece as mais características qualidades do gênio francês: visão lúcida do homem, compreensão de suas fraquezas e possibilidades, ausência de excesso.

O pensamento do Cardeal de Bérulle domina toda a Escola Francesa. Sua doutrina se fundamenta sobre sua visão do homem em sua relação com Deus. Ele percebe o homem com todos os seus defeitos e limitações, mas de tal forma relacionado com Deus, que a esperança o domina. Deus é infinito. O homem é miserável. Mas, embora tenha decaído de sua dignidade, o homem guarda em si o selo de Deus, que o criou.

Para que seja possível a união: Deus-homem é necessário um mediador: Jesus-Cristo, o Salvador. Bérulle vê o Cristo na perspectiva da encarnação. Cristo é o adorador do Pai. Ele O adora em nome dos homens de cuja carne se revestiu. Na humanidade do Cristo, novo Adão se recapitulam toda a criação, toda a humanidade, todo o universo. A encarnação querida pelo Pai exige do Filho uma atitude de obediência. Ele é o sacrificador, que se sacrifica para apaziguar a cólera divina.

O método da espiritualidade Berulliana nos apresenta três momentos

1º momento: ADORAÇÃO

Devemos primeiro "olhar Deus", imenso, infinito, diante do qual, o homem se considera um nada, mas um nada capaz de acolher Deus. O cristão deve viver na presença da SS. Trindade, em perpétua adoração, numa oração ininterrupta.

2º momento: AÇÃO

À adoração o homem junta a ação, que para Bérulle significa, como na Idade Média, o despojamento de si mesmo, a desapropriação do ego

3º momento: ADESÃO

Depois dos dois primeiros momentos, o homem procura atingir o estado místico de adesão. Despojado da natureza, que guardava consigo em seu caminho ascendente, o homem se despoja da natureza e "toma a vida de Deus". Ele se "apropria de Jesus Cristo", realizando o desejo de São Paulo: "Já não sou eu quem vive, é Cristo quem vive em mim". O cristão quer CON-FIGURAR-SE com o Verbo encarnado. A existência toda do cristão é "tocada" por Cristo, que imprime em nossa natureza, em todo o nosso ser os seus mistérios.

Como Deus concede aos homens a sua "graça" e os seus "dons", assim Cristo nos concede os seus "estados". Ele nos concede os seus "mistérios": a uns ele concede a sua vida pública, a outros a vida oculta. A uns a infância, a outros o seu poder. A uns os opróbios, a outros os dom dos milagres. A uns a sua humilhação, a outros sua autoridade. A uns a sua vida, a outros a sua morte. Em todos estes mistérios Ele se dá a todos. Ele sempre nos dá o seu Coração, a sua graça e o seu Espírito, mas de maneira diferente para cada um. Ele se apropria de nós. E nós nos apropriamos d'Ele, não como um pintor que o copia, mas, como um espelho, que O reflete.

A história da Igreja é a continuação da história de Cristo. É quase a sua "biografia" que continua a ser escrita na história pelos homens, sem jamais ser repetida.

"Conhecer e amar" a Deus é o axioma que todo o beruliano colocará em prática. Conhecer a Deus pelo Cristo, amar a Deus em Cristo.

No mistério da encarnação, o olhar de Bérulle se fixa longamente sobre Maria, modelo do cristocentrismo e realização perfeita da vida cristã, centrada em Cristo.

CRISTOCENTRISMO DO CORAÇÃO

Em 1925 a Igreja canonizou São João Eudes, um robusto normando, que pertenceu ao grupo beruliano e que permanecera no esquecimento, por muito tempo. São João Eudes foi um dos mais eficazes seguidores de Bérulle. Ele sabia o valor da contemplação e era totalmente engajado no serviço dos homens. Fundou vários seminários. Entre eles podemos contar os de Caen, Coutances, Rouen, Evreux, Rennes. Foi um fundador de ordens. Fundou a Congregação de Jesus e Maria (Eudistas) e a Ordem de Nossa Senhora da Caridade do Refúgio. Era uma ordem para acolher mulheres arrependidas.

São João Eudes se mantém no clima beruliano do "interior de Jesus", acentuando o "coração espiritual" e "divino" do Salvador. O coração contemplado por São João Eudes é o da paixão e da eucaristia. Lembra a misericórdia, que nos chama à confiança e o coração ofendido, que nos convida à reparação e nos induz a con-sofrer com o Salvador, aspecto sublinhado pela encíclica de Pio XI: Miserentissimus Redemptor.

Para São João Eudes o coração resume e traduz o papel redentor do verbo encarnado. A devoção ao coração quer apresentar a síntese perfeita:

- Deus misericordiosamente aberto aos homens em Cristo.
- Cristo, homem, no meio dos homens, morrendo pelos nossos pecados e dando-se a nós na Eucaristia.
- o homem pecador, que no amor doloroso de Cristo, encontra a salvação e é convidado a acolher este amor e a participar da sua própria salvação, dividindo a cruz de Cristo

O cristão é chamado a expressar uma experiência do Cristo em ação, engajando-se na ação social, cultural e política para que se inaugure o Reino do Sagrado Coração.

São João Eudes chegou a uma concepção muito rica e profunda o "coração", resumindo e traduzindo o papel redentor do Verbo encarnado, no seu todo.

Foi ele, que dentro da Escola Francesa deu à devoção marial toda a sua importância. Foi ele, que desenvolveu a devoção ao Coração de Maria.

A INSPIRAÇÃO BÍBLICA DA VIDA DE GAILHAC

Padre Gailhac não teorizou nenhum caminho espiritual novo. Ele pensou com os pensadores do seu tempo. Apreendeu e viveu a mística dos teólogos da Escola Francesa de Espiritualidade. Seus escritos se baseiam nos clássicos da espiritualidade cristã.

Mas, a teoria, a tematização é palavra segunda.

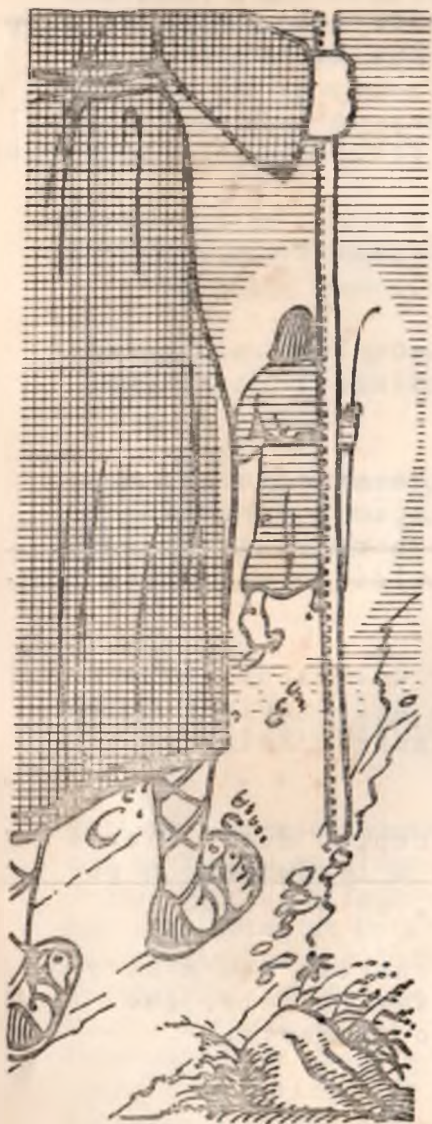
A palavra primeira de um Fundador para a sua Congregação é a sua própria vida, são as suas opções fundamentais.

A teoria só abre caminhos, quando pode ser operacionalizada e integrada na vida.

É o impacto de uma vida concretamente vivida, que atrai outros para um mesmo ideal e os impulsiona para uma vida nova.

Foi o Bom Pastor que inspirou a Vida de Gailhac.

Deixando-se fascinar pelo Bom Pastor que "dá a vida pelas suas ovelhas", ele funda a Congregação dos Padres Regulares do Bom Pastor.



A CONGREGAÇÃO DOS PADRES DO BOM PASTOR

O nome não é indiferente. Ele individualiza. Expressa uma originalidade e evoca características próprias de pessoas e objetos.

Para Gailhac, o nome da Congregação define a vocação dos Padres do Bom Pastor. Este nome lhes dirá o que devem sofrer para se tornarem semelhantes a Cristo, o Pastor. Mostrar-lhes-á o que deve ser o seu zelo pela Glória de Deus e pela salvação dos homens.

Na Bíblia, o nome se reveste de especial importância: O segundo mandamento proíbe "invocar o seu santo nome em vão". Jesus dirá no Pai Nosso: "santificado seja o vosso nome. No capítulo 10:12-18 do Evangelho de São João, Jesus diz: "Pai, glorifica o teu nome". Em sua oração sacerdotal, Jesus diz: "Manifestei teu nome aos homens" Jo. 17:6. Nestas três passagens, o nome indica a pessoa do Pai.

Em certos cultos antigos, os fiéis escreviam sobre a mão o nome do seu Deus, como sinal de pertença. (Is. 44:5). O Apocalipse fala dos que serão marcados com o nome da Besta sobre a mão direita e sobre a frente. (Ap. 13: 16-17) As frentes dos eleitos serão maracadas com o nome de Cristo e de seu Pai. O nome de Javé, invocado sobre alguém, indica as bênçãos de Deus. (Nu. 6:27). É em nome de Jesus Cristo que Pedro faz o seu primeiro milagre. (Atos 3: 6ss)

BOM PASTOR foi o nome que Jesus Cristo escolheu para si mesmo, quando os seus inimigos o acusavam de impiedade, de ser um malfeitor, um possuído pelo demônio.

BOM PASTOR foi o nome escolhido por Gailhac para a sua Congregação.

Este nome deve dizer-lhes qual deve ser o seu zelo peal glória de Deus e salvação dos homens.

Numa palavra, este nome deve lembrar-lhes constantemente o objetivo de sua vocação.

Glorificar o Pai celeste e salvar os homens foi a finalidade primordial da encarnação, vida e morte de Cristo, o Bom Pastor. Esta será também a finalidade da Congregação dos Padres do Bom Pastor.

A finalidade da Congregação será conseguida através de:

- * direção dos estabelecimentos fundados pela Congregação
- * missões e retiros nas zonas rurais
- * ajuda a sacerdotes afastados de seus ministérios, por motivo de saúde, ou por qualquer outro motivo.

Isto seria feito à medida que o número dos Padres do Bom Pastor aumentasse. Se não estivessem em missão, os padres poderiam atender às pessoas, que os procurassem para outros serviços espirituais. Deveriam dar prioridade à finalidade específica da Congregação.

Segundo Gibbal, que escreveu a história dos Padres do Bom Pastor, quatro eram as finalidades de todas as obras fundadas por Gailhac:

- * Arrancar do abismo e da deboche as infelizes criaturas, que pelo esquecimento de Deus, nele mergulharam ou nele foram lançadas, reconquistando-as para Deus e reabilitando-as aos próprios olhos e aos olhos do mundo.
- * Impedir que por falta de vigilância da família, ou pela leviandade do próprio caráter, crianças caíam na vida e na corrupção, delas sendo presas.
- * Retirar da miséria, educar cristamente, e muitas vezes impedir de cair na vida, meninos e meninas de 7 anos, que perderam os pais.
- * Dar proteção às classes deserdadas e tantas vezes renegadas, dominando o espírito das classes ricas da sociedade e formando jovens seminaristas no amor de Deus e do Salvador.

Os padres faziam os três votos religiosos de pobreza, castidade e obediência. Deviam procurar adquirir o espírito de Jesus Cristo. Ora, o espírito de Jesus Cristo é um espírito de humildade, simplicidade e doçura.

HUMILDES: Os padres fugirão às honras deste mundo. Eles preferirão o silêncio, o estudo, a oração, a vida retirada em sua cela. Cada membro da Congregação só pensará em se apagar, sem prejuízo das obras de zelo.

SIMPLES: Eles serão simples em toda a sua vida, fugindo à mentira, à esperteza, à duplicidade. Os padres agirão sempre com integridade e observarão as regras da prudência.

DOÇURA: A doçura deve ser a expressão de sua alma e revelação do seu coração. Eles não se contentarão com a doçura das palavras. A doçura estará na vida de cada membro da Congregação.

ZELO: O zelo dos padres do Bom Pastor será sem medidas. Ao procurar a glória de Deus, eles não temerão nem o sofrimento, nem a fadiga, nem as privações.

O PADRE DO BOM PASTOR VIVERÁ EM COMUNIDADE:

Na comunidade, o padre se torna membro de uma sociedade unida por laços sobrenaturais e forma uma família, não segundo a carne, nem segundo os sentimentos humanos, mas segundo Deus.

Não tendo que se preocupar com as coisas necessárias à vida, com maior facilidade, o Padre do Bom Pastor terá o seu coração desapegado das coisas da terra.

Em comunidade, o padre pode consumir a sua vida inteira pela glória de Deus e pela salvação dos homens.

Pode dizer: "Faço a cada instante, o que agrada a meu Pai"

Gailhac foi sempre fiel aos seus compromissos comunitários. Para cumpri-los todos, levantava-se às 4 horas da manhã. Era sempre o primeiro a chegar para a oração em comum e para outras atividades da vida comunitária.



NOME
 NASCIMENTO
 ENTRADA
 SAIDA
 MORTE
 TEMPO NA CONGREGACAO

GAILHAC
 Pierre-Jean-Antoine
 13/11/1802
 7 1850
 25/1/1890
 40 ANOS

MAYMARD
 Victor
 15/10/1833
 25/11/1874
 26/4/1915
 38 ANOS

A COMUNIDADE DO BOM PASTOR



GIBBAL	BIROUSTE	BELMONT	REDIER	GUIBERT	DURAND	FLOTTES
Jean	Louis	Galié G.	Jean	Jean	Jean	Jean
8/6/1816	18/1/1810	1840	1834	1824	1800	1844
3/6/1853	1/10/1858	1871	1865	1863	1859	1876
		1880	1871	1868	1863	1878
21/2/1871	12/3/1868	1906	1900	1885	1892	1906
18 ANOS	10 ANOS	9 ANOS	6 ANOS	5 ANOS	4 ANOS	2 ANOS

O BOM PASTOR EM SEU CONTEXTO BÍBLICO

A palavra pastor é de origem indogermânica e significa: guia, comandante, condutor. É sinônima de legislador. Em sentido metafórico, quer dizer: guardar, cuidar.

No Antigo Oriente, pastor era um título honorífico, usado apenas pelos governantes e dado às divindades.

A imagem do pastor aparece como uma das mais ricas expressões da aliança de Deus com Israel. Já no princípio de sua história, a tradição hebraica mostra Abel como um pastor. Povo nômade, mesmo depois da conquista da terra prometida e do começo da agricultura, o rebanho constituía parte da riqueza dos patriarcas. Estes, eram pastores. (Gen. 46:33ss). O ofício de pastor passava de pais a filhos. As filhas cuidavam do rebanho, que ficava junto à casa paterna. Enquanto os rapazes levavam o rebanho para pastos distantes.

O pastoreio era uma profissão difícil. O tipo de terreno exigia uma vida nômade. O pastor devia andar de um lugar para outro em busca de novas pastagens, por causa dos longos períodos de seca. Devia pensar, constantemente, nas ovelhas dêbeis. Devia saber alternar água, comida, repouso e marcha. À noite, devia procurarlhes abrigo contra o mau tempo. Alguém devia ficar sempre de guarda, durante a noite, defendendo o rebanho de ladrões e animais ferozes.

O pastor estabelecia estreita relação com o seu rebanho. As ovelhas conheciam sua voz e aprendiam a obedecer-lhe. Eram capazes de ficarsãs, unidas, enquanto o pastor ia em busca da ovelha perdida. A vida do pastor é descrita por Jacô no capítulo 31 do Gênesis.

A recordação da vida nômade deveria ficar sempre viva na memória do povo de Israel. Os levitas eram pastores por profissão, não lhes sendo confiada terra para cultivar.

Sem se atribuir, habitualmente, o título de Pastor, Javê conduz o seu povo, como o Bom Pastor, conduz o seu rebanho:

- O povo é rebanho de Javê: Jer. 13: 17; Is. 40:10-11; Ez. 34:31; Miq. 7:14; Zac. 10:3)
- Javê é o verdadeiro pastor de Israel: Gen. 49:24; Ez. 34:11-16. Sl 86:2.

Deus confia a homens escolhidos por Ele a missão de conduzir o povo, como um Pastor: Nu. 27:16-17; 2Sam. 5:2ss; Jer: 10:21; 12:10; 13:20; 23:1-4; 50:6; Is. 56:11; Ez. 34:2-6; Zac. 11:5-17.

Nos salmos o Pastor aparece como figura de primeiro plano: Salmos: 22; 27:9; 73:1; 76:21; 77:52; 78:13; 79:2; 99:3.

Os evangelistas sinóticos nos mostram os pastores na gruta de Belém Lc. 2:8-18. A imagem do Pastor expressa a dignidade messiânica de Jesus. Nos sinóticos Jesus se declara o Pastor messiânico prometido pelo Antigo Testamento. Ele o faz mediante um tríptico uso desta imagem:

a) Para descrever a sua missão, Ele usa a imagem do Pastor, que foi enviado às ovelhas de Israel, que se tinham dispersado. Mt. 15:24; 10:6. Em Lucas 19:10 a alusão a Ezequiel é claríssima. Como a dispersão das ovelhas de Israel, significava um tempo de prova para o rebanho, assim, a reunião das ovelhas, significa um tempo de salvação, que está para acontecer. João nos fala que nos fins dos tempos haverá "um só rebanho e um só Pastor". Jo. 10.16.

b) Em Marcos 14: 27ss Jesus utiliza a imagem do Pastor para anunciar a sua morte e a sua ressurreição: "Todos vós vos escandalizareis, porque está escrito: Ferirei o Pastor e as ovelhas se dispersarão. Mas, depois que eu ressurgir, eu vos precederei na Galiléia". O destino do Pastor, entregue à morte, tem como consequência, a dispersão das ovelhas e a purificação do rebanho. O rebanho purificado será o novo povo de Deus.

c) Mateus no capítulo 25:32 usa o símbolo do Pastor para descrever o grande acontecimento, do julgamento universal: "e Ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos, e porá as ovelhas a sua direita e os cabritos à sua esquerda". Sendo então instaurado o Reino da Justiça, em que os bons receberão por herança o Reino, e os maus irão para o castigo eterno. Mt. 25)

O autor da epístola aos Hebreus condensa numa só expressão a riqueza singular do símbolo do Pastor aplicado a Jesus: "O Deus que fez subir dentre os mortos, aquele, que se tornou pelo sangue de uma aliança eterna, o grande Pastor das ovelhas, nosso Senhor Jesus, vos torne aptos a todo o bem, para fazer a sua vontade; que ele realize em nós o que lhe é agradável por Jesus Cristo, ao qual seja dada a glória pelos séculos dos séculos. Amém (13:20-21)

O BOM PASTOR, NO EVANGELHO DE JOÃO, CAPÍTULO 10

Ezequiel 34 é o pano de fundo do capítulo 10 do Evangelho de João. Em Ezequiel 34, Deus condena os pastores, que não cuidavam das ovelhas débeis, frágeis e desgarradas.

A parábola descreve uma cena da vida pastoril, na Palestina. As ovelhas dos diversos rebanhos se encontram reunidas em um único redil. Elas aí passam a noite sob a vigilância de um guardião - o porteiro da parábola. De manhã, cada pastor vem procurar o seu rebanho. Ele se apresenta ao guardião, que lhe abre a porta. Chama cada uma das suas ovelhas pelo nome. Todas conhecem a sua voz e o seguem. Quando todas estão reunidas, ele se põe a caminho, conduzindo o seu rebanho.

A esta descrição do Pastor, que conhece as suas ovelhas e por elas é conhecido, João apresenta o violento contraste do estranho, que não "entra pela porta", mas "sobe por outro lugar". Dele, "fogem as ovelhas", porque não "conhecem a sua voz". O estranho não é pastor, mas, "ladrão e assaltante".

A mensagem da parábola é clara: há um modo correto de se avizinhar das ovelhas: pela porta do redil. qualquer outro modo denota má intenção. Entretanto, "eles não entenderam o sentido do que Ele lhes dizia". Esta incompreensão provoca uma explicação.

A segunda parte do discurso de Jesus contém as palavras-chave para a interpretação da parábola. As explicações estão centradas sobre duas palavras: porta e pastor.

Podemos ter duas interpretações para a palavra porta: Jesus é a porta, por onde passa o pastor para se encontrar com as suas ovelhas. Para conduzir legitimamente o rebanho é preciso passar por Ele. Quem se aproximar das ovelhas, por outra porta, que não seja o Cristo, é ladrão ou assaltante. Na segunda interpretação, Jesus é a porta por onde passam as ovelhas para encontrarem pastagens verdejantes. Jesus é a única porta de salvação. (Sl. 22; Ez. 34; Apocalipse 7.17)

Jesus reivindica para si mesmo o título de Pastor: "Eu sou o bom Pastor". (Jo. 10:11)

A expressão "Eu sou", no Evangelho de João se liga ao "Eu sou", com o qual Javê se revelou a Israel, como Deus e Salvador, sempre presente e ativo na história do povo. (Ex. 3:14; Deut. 32:29; Is. 43:10)

O termo "conhecer deve ser compreendido em toda a sua riqueza bíblica: Os. 2:21; 4:2; 6:6; Ex. 32:12; Prov. 2:5; Sl. 86:4; 90:14 etc. Supões conhecimento pessoal, um conhecimento, que quer dizer presença íntima de pessoa a pessoa, acolhimento, confiança, comunhão. Um sentimento que se envolve em simpatia e num sentimento de pertença. Este conhecimento ultrapassa o plano nocional. Supõe uma experiência de vida pessoal, dque engaja todo o ser.

Todos são chamados a esta comunhão de amor do pastor com as suas ovelhas. A dedicação e o amor do Pastor se estendem a todos os homens, sem distinção de raça, nação e mesmo de religião. O Bom Pastor tem em toda a parte ovelhas prontas a escutarem sua voz (v.16) e a segui-Lo (v.27). "Também estas eu devo conduzir" (v.16)

No versículo 18 Jesus fala da "ordem" que recebeu do Pai. Se, para obedecer à ordem do Pai, Jesus dá a vida pelas suas ovelhas, todos os que O seguem, devem estar dispostos a darem a vida uns pelos outros. (Jo. 15:13).

Face ao Bom Pastor, duas são as atitudes das ovelhas: elas "escutam" a voz do Pastor e o "seguem".

PARA TRABALHO DE GRUPO:

Procurar em Ezequiel 34 as características do Bom Pastor.

Ao reivindicar o título de Pastor, que novas características Cristo lhe deu?

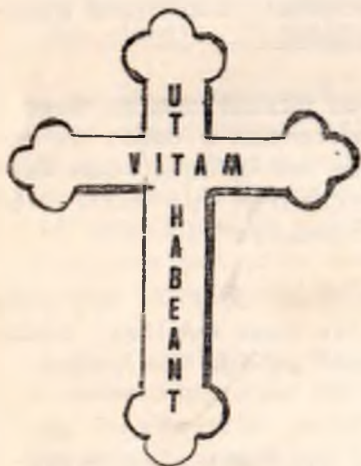
Eu me aproximo do Cristo-Porta, como ovelha, ou como pastor?

Que é escutar a Cristo?

ou:

Rezar sobre o texto Ezequiel 34 e João 10 e depois partilhar com o grupo a minha experiência de ovelha e de pastor.

O BOM PASTOR E AS RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA



É da parábola do Bom Pastor, no Evangelho de João 10:10 que Gailhac tira as palavras, que definem a missão da religiosa do Sagrado Coração de Maria: "EU VIM PARA QUE TENHAM VIDA" Constituições § 7.

Estas palavras estão escritas na cruz que toda religiosa recebe no dia de sua profissão e que deve trazer, como símbolo de sua consagração.

O SÍMBOLO COMO EXPRESSÃO DE REALIDADES PROFUNDAS

Vivemos num mundo de mistério. O mistério acontece em toda a parte, a cada momento: o nascimento da flor exige a morte da semente. Os maus triunfam e os bons são perseguidos. A criança sofre e morre. O mistério nos fascina: o mistério da vida e da morte, do bem e do mal, o mistério de nós mesmas.

Já antes de Cristo, Jô procurava resolver o enigma da vida, o mistério do justo, que era perseguido, enquanto o ímpio prosperava.

O espírito humano querendo apreender o mistério de si mesmo e do mundo, que o rodeia, tentou através da reflexão consciente, dominar o mundo, dominar o mistério, que o envolve.

Quis explicar o homem, o mundo, através de idéias gerais, de modelos e paradigmas. Criou a linguagem, como instrumental de conhecimento. Deu um nome a cada objeto. Classificou espécies. Isolou e relacionou as diferenças entre as espécies. Multiplicou as criações verbais. Elaborou uma linguagem abstrata, científica, univalente, precisa, capaz de, sem equívocos, transmitir às gerações futuras uma descoberta importante. Criou uma linguagem lógica.

Mas, há situações, que escapam aos quadros da lógica. Há experiências, que não podem ser contidas nos conceitos da linguagem científica, univalente. Há imensas zonas de silêncio, envolvendo o mistério, que não se deixa manipular, nem aprisionar pela linguagem do homem.

Quando estamos fortemente emocionadas, esquecemos as palavras. Preferimos nos comunicar por gestos e símbolos: um aperto de mão, uma flor, um beijo. O amor prefere a linguagem simbólica.

Para transmitir experiências, que escapam aos quadros da lógica, os poetas e os santos usam o símbolo.

Há muitas espécies de símbolo: símbolos matemáticos, os símbolos da química, símbolos poéticos, o símbolo dos Apóstolos.

Aqui, falaremos somente dos símbolos, que servem para comunicar uma experiência religiosa.

O SÍMBOLO COMO COMUNICAÇÃO DO INDIZÍVEL:

O símbolo se origina da necessidade de expressar o inefável, o indizível. Toma um objeto sensível, como sinal de uma realidade profunda, que não fere os sentidos. Leva o espírito humano a passar através do objeto simbólico para atingir uma outra realidade, nele significada.

O símbolo é polivalente. Tenta captar o homem na sua zona de mistério. A simbologia se refere ao homem, que procura se situar psicologicamente e cosmologicamente.

Os trabalhos de Jung demonstram que a atividade simbólica obedece a esquemas organizadores, que ele chama arquétipos. Embora o número de arquétipos seja bem menor do que o dos símbolos, seria inútil tentar enumerá-los todos, pois, cada criador de símbolos e seus intérpretes, escolhem esquemas correspondentes a seus interesses específicos. O psicoterapeuta, o arquiteto, o poeta, apresentarão esquemas diversos.

Muitos modelos foram propostos. Todos são úteis para esclarecer o mundo dos símbolos. Assim, Bachelard estudou o valor simbólico dos quatro elementos primitivos: a terra, a água, o ar e o

fogo. Na arquitetura, as figuras geométricas simples se revestem de grande importância simbólica: o quadrado, o círculo, o triângulo, a cruz.

Durand baseia a sua tipologia simbólica sobre os reflexos fundamentais, que permitem ao homem conservar a sua vida e conquistar o espaço, em que vive: levantar-se, caminhar, alimentar-se.

Ao movimento de levantar-se se referem os símbolos da escalada, da cabeça, da luz, do céu, da elevação, e, portanto, da purificação e da separação. A nutrição correspondem os símbolos da intimidade, do seio materno, da mãe, do calor, da casa, do refúgio. Ao caminhar correspondem os símbolos da estrada, da partida, do progresso, do rio, dos meios de comunicação. Enfim, temos o ritmo cíclico, ao qual correspondem a sexualidade com o símbolo de rotas, das fases da lua, da vida nova.

A atividade simbólica pertence à ordem da representação. Quase todos os símbolos se situam no espaço e querem impressionar os olhos. Dificilmente, um símbolo se dirige ao ouvido. Quase nunca ele impressiona os outros sentidos.

Como imagem, o símbolo nasce e se desenvolve através do homem, em seu ambiente. O símbolo aparece, então com as características de uma cultura e de uma época histórica.

Assim, Deus para o israelita, antes de Cristo, era: "um leão, que rugiu" (Amós 3:1-8); "uma pantera, que espreita" (Oséias 17:17); "um esposo ciumento" (Oséias 2); "um pai zeloso" (Oséias 11)

Os símbolos não devem ser julgados por sua forma, mas por sua força pela capacidade de nos fazer pressentir uma realidade profunda, neles simbolizada.

O símbolo primitivo era concreto. Podia ser um objeto de barro partido ao meio. Quando os portadores das duas metades do objeto se encontravam, reconheciam-se como participantes de uma mesma experiência, engajados num compromisso comum. O importante era que o portador do símbolo fosse reconhecido pelo companheiro.

OS SÍMBOLOS NA PROFISSÃO DOS VOTOS DA RSCM

O homem, ao se defrontar com o seu Deus fica sem palavras. O gesto de adoração lhe vem espontaneamente. (Gen. 17:3; 18:2; Ex. 3:6).

Ao transmitir a sua experiência de Deus, o homem precisa de símbolos, pois, deve falar do invisível, do indizível, inenarrável.

No Antigo Testamento, o simbolismo converge para Sião-Jerusalém. Sião-Jerusalém é a mãe do povo eleito, a esposa de Javê. No Novo Testamento, a fonte e o centro de todo o simbolismo é o próprio Cristo. Pela encarnação ele realiza em sua pessoa a própria definição do símbolo. Ele é a epifania de Deus. Ele é o caminho, a verdade e a vida. Ele é o Bom Pastor. Todos estes símbolos despertam profundas ressonâncias no coração humano, que busca resolver o enigma da vida.

A Igreja tem uma rica simbologia em sua vida de fé: o incenso, a cruz, o altar, as igrejas. Os ritos simbólicos dos sacramentos. Não podem ser separados das palavras, se quisermos alçar toda a sua significação.

A vida religiosa tem um simbolismo que lhe é próprio: os ritos, que significam ruptura, iniciação e mudança de vida. Além dos símbolos comuns a todas as religiosas, cada família religiosa tem símbolos próprios, que a caracterizam.

Na simbologia usada pelo Padre Gailhac, vamos encontrar diversas imagens usadas por outros para transmitir a experiência de Deus. São símbolos herdados da tradição judaica e dos místicos de todos os tempos.

Mas, houve um símbolo específico, que ele quis, que trouxéssemos sempre conosco, para sermos reconhecidas como participantes de uma herança comum. Foi um símbolo escolhido na oração e entregue às religiosas do Sagrado Coração de Maria, no dia 4 de maio de 1851. Dia, que as ligava para sempre à missão de Gailhac por votos perpétuos:

UMA MEDALHA EM FORMA DE CORAÇÃO, TENDO NO VERSO A FACE DE CRISTO COM AS PALAVRAS: "EU VIM PARA QUE TENHAM VIDA"
E NO REVERSO A FACE DA VIRGEM COM AS PALAVRAS: "EIS O VOSSO MODELO"